



A 'Dança Tarairiu', pintada por Albert Eckhout entre 1637 e 1644, que nunca deixou a Dinamarca poderá ser vista a partir de outubro no evento: um retrato fiel do índio brasileiro e de seus costumes

# A formação do povo brasileiro nas telas de Eckhout

Artista holandês que veio ao País com Maurício de Nassau fez um levantamento preciso e fascinante não só da fauna e da flora, mas da cultura e dos costumes do Novo Mundo no século 17

MARIA HIRSZMAN

A tela *Dança Tarairiu*, pintada por Albert Eckhout na visita que fez ao Brasil, entre 1637 e 1644, deixará pela primeira vez em sua história as salas do Museu Nacional da Dinamarca para vir ao Brasil encantar os visitantes da 24.ª Bienal de São Paulo. Também foram emprestados ao evento os quatro quadros de mulheres brasileiras produzidos pelo pintor holandês em 1641: *Índia Tarairiu (Tapuia)*, *Índia Tupi*, *Mulher Africana* e *Mulher Mameluca*.

"Esta será a primeira vez que a obra de Eckhout volta ao País em grande estilo, com grandes obras que se inserem precisamente no conceito da curadoria", explica o vice-presidente da bienal, Jens Olesen. Ele conta que o curador Paulo Herkenhoff lhe pediu que ajudasse a trazer novamente a obra do mestre, "o que é quase impossível". "Eu fui lá dez vezes, porque o museu só queria emprestar as quatro mulheres, mas insisti nesses índios dançando", comemora Olesen.

Segundo ele, as obras só foram conseguidas porque nos últimos anos as bienais e exposições internacionais vêm ajudando para aumentar a confiança dos colecionadores em relação ao Brasil.

Os quatro retratos de mulheres já haviam estado no Masp em 1991, na exposição *Albert Eckhout e Seu Tempo (Brasil Holandês: 1637-1644)*, organizada por Olesen. Mas na ocasião não foi possível ainda trazer a *Dança Tarairiu*, que nunca saiu da Dinamarca em quase 350 anos.

A obra faz parte do conjunto de 26 pinturas brasileiras - a maioria de Eckhout - que Maurício de Nassau doou em 1654 a seu primo Frederico III da Dinamarca (que era fascinado pelas curiosidades que vinham do Novo Mundo). Em troca ele recebeu a Ordem do Elefante Branco.

Além de sua rara qualidade pictórica, o quadro é um dos primeiros retratos do povo brasileiro, da fauna e de seus costumes. Trata-se de um exemplo perfeito da capacidade única de Eckhout de mostrar a realidade tropical sem aplicar-lhe moldes

européizantes, conseguindo ao mesmo tempo narrar como era a vida naquele Brasil selvagem que tanto fascinava e assustava o Primeiro Mundo.

É impossível deixar de notar a coqueteria das duas índias dando risada no canto direito do quadro (e no tatu que se encontra aos seus pés). Uma delas poderia muito bem ser aquela que em outra tela de Eckhout carrega pedaços de sua vítima - apesar de os especialistas acreditarem que uma cena como essa realmente pudesse acontecer. Os tarairius - termo usado genericamente para definir os índios que não tupis e que foram extintos - aliaram-se aos holandeses na luta contra os portugueses.

Eram considerados selvagens, se contrapondo aos tupis, povo mais dócil. Esse contraste entre as duas tribos indígenas fica evidente nos retratos de Eckhout.

A índia tupi já está inserida no contexto da fazenda do branco (que pode ser vista ao fundo no quadro), enquanto a tapuia é cerca da pela floresta. Quanto ao canibalismo, parece que era praticado pelas duas tribos, que buscavam dessa forma absorver as qualidades de seus inimigos. Os outros retratos femininos de Eckhout mostram a negra (uma das primeiras pinturas desse grupo étnico de que se tem conhecimento) e a mestiça, filha de português com índio.

Sabe-se pouco sobre Albert Eckhout, que provavelmente nasceu em 1610 e morreu em 1664, na Alemanha. Além dos retratos de tipos brasileiros - há quatro mulheres e também quatro homens, representando o tarairiu (tapuia), o tupi, o mestiço e o negro -, ele também deixou uma série de trabalhos retratando a natureza e os frutos tropicais. Trabalhos desse gênero não vieram à bienal porque são menos significativos numa mostra que pretende pôr em discussão a formação da identidade brasileira e como ela se apropria e digere as outras culturas.

As obras de Eckhout estarão inseridas no segmento que o evento dedica ao período colonial, entre os séculos 16 e 18, que terá curadoria da historiadora Ana Maria Belluzzo. A vinda das obras foi patrocinada pelo ABN-Amro Bank e pela McCann-Erickson.



'Índia Tarairiu (Tapuia)' carrega um pé no cesto e um braço na mão: evidências das práticas canibais dessa tribo selvagem que se aliou aos holandeses na luta contra os portugueses



'Índia Tupi', representando os indígenas mais aculturados - apesar de também praticarem canibalismo: fato evidenciado pela casa de fazenda e pela plantação ao fundo da tela



'Mulher Mameluca', filha de português ou holandês com índia, com roupas e jóias européias e sofisticadas: possibilidade de ascender socialmente ao casar-se com um branco



'Mulher Africana', provavelmente uma escrava vinda de Angola, com a mão sobre a cabeça do filho: um dos mais antigos retratos conhecidos desse grupo étnico

24ª Bienal de São Paulo



REGISTRO DE CANIBALISMO REMETE AO TEMA DO EVENTO